

Bonecos com Corpos-Velhos: o que dizem as crianças sobre envelhecimento

Leni Vieira Dornelles¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS – Brasil

RESUMO – Bonecos com Corpos-Velhos: o que dizem as crianças sobre envelhecimento. Apresenta um modo de pesquisar com crianças e o que entendem por *ser idoso*. Investigo um grupo de crianças de uma escola pública de Porto Alegre fazendo uso de cinco bonecos que representam corpos-velhos de homens e mulheres. Fundamento a pesquisa em pressupostos pós-críticos, na sociologia da infância e nos estudos sobre envelhecimento. Observo como as crianças ao brincarem com os corpos de bonecos-velhos mostram seu entendimento sobre um corpo que envelhece. Trato do efeito do brincar com corpos-velhos na educação de crianças e o quanto esse tipo de corpo não compõe seus brinquedos e brincadeiras.

Palavras-chave: Bonecos. Crianças. Envelhecimento. Corpo. Pesquisa com Crianças.

ABSTRACT – Old-bodied Puppets: what children say about ageing. The text describes a way to do research with children and to learn what they understand by *being elderly*. I study here a group of children from a public school in Porto Alegre making use of five puppets that represent old-bodied men and women. I ground the research in post-critical assumptions, in the sociology of childhood and in studies about ageing. I observe how children when playing with the bodies of elderly-puppets display their understanding about an ageing body. I deal with the effect of playing with elderly-bodies in the education of children and with the extent to which this kind of body is not present in their toys and plays.

Keywords: Puppets. Children. Ageing. Body. Research with Children.

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos [...] porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão [...] Eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas –

Manoel por Manoel - Manoel de Barros

Como Manoel de Barros, este texto trata da *visão comungante* de ser velho pensado pela criança, verso de infâncias e envelhecidos, o que é um grande desafio para alguém que vem investigando crianças há tanto tempo. Como escrever sobre envelhecimento, se ainda não consegui me desligar das infâncias e logo quando estou chegando a minha velhice. Como tratar de crianças e velhos desprezíveis para tantos, desprezados por muitos. Obrar na escrita deste texto que faz emergir o que dizem as crianças pesquisadas sobre velhos, desprezando ideias impostas pela modernidade em que elas estão por aqui para serem dirigidas, ensinadas, faladas, ordenadas e nem sempre ouvidas, terem voz ou serem chamadas à conversa. Ou de velhos que precisam ser cuidados, nem sempre ouvidos e, muitas vezes, retirados das conversas. Tais controvérsias me lembram das deambulações de Silva (2011):

As próprias imagens pré-sociológicas (James, Jenks e Prout, 1988) que nos ficam da infância e das crianças são de uma imensa controvérsia e contradição, tanto nos falando de um ser mau (Hobbes), quanto inocente (Rousseau), como imanente (Locke), de desenvolvimento natural (Piaget), porém libidinoso, impulsivo e agressivo (Freud) (Silva, 2011, p. 92).

Andar por essa linha feiticeira que trata de tantas controvérsias e contradições me parece não ser um privilégio quando se trata de crianças, mas que se impõe, também, quando se fala sobre envelhecimento. Ainda se faz um desafio maior em obrar sobre o tema, sobre como as crianças pensam o ser velho em brincadeiras com boneco-corpo-de-velho. Para tentar dar conta do pesquisar com crianças sobre envelhecimento, remeto-me ao título deste texto quando chamo para a conversa crianças de seis e sete anos, sobre o que era para elas ser velho, ter um corpo de velho a partir de brincadeiras com bonecos¹. Tentei pensar seu pensamento quando se trata de pensar a velhice, o envelhecimento dos idosos que com eles conviviam ou de que tinham notícias. Levei para o trabalho de investigação cinco bonecos que representavam corpos-velhos, de *avós* homens e mulheres. Procurei observar a brincadeira das crianças e como colocavam em ação tal tema. Fiz uso de autores como Ramos (2011), Dornelles (2007) Ramos (2013), Doll e Karl (2006), Ramos (2009), Silva (2011), Prout (2010), dentre outros. Tais leituras me levaram a investir nas minúcias que envolvem uma pesquisa que fizesse uso de bonecos-corpos-de-velhos e de como eles não são simplesmente um brinquedo, mas são instrumentos que apresentam marcas corporais da cultura de um tempo, em uma determinada sociedade. Também no

corpo dos bonecos, podem-se observar os efeitos do investimento feito em seus corpos para que entrassem nas brincadeiras das crianças, o efeito que produz o brincar com corpos-velhos com crianças e o quanto esse tipo de corpo não compõe o cotidiano dos seus brinquedos. Atento para o fato de que as crianças não têm tido oportunidade de manipular, jogar, brincar com corpos que estejam além do *corpo-Barbie*. Estudar como as crianças pensam sobre o envelhecimento e a constituição do corpo-velho ajudou a entender o efeito de se ter e pensar apenas sobre um *corpo-certo* (o jovem, sem rugas, magro e branco).

A primeira ação das crianças, ao pegarem os bonecos-velhos, foi a de brincarem de faz de conta, de convidar os outros bonecos para tomarem um chá. Essa ação em si já nos mostra de que lugar as crianças pensam o ser velho. Não convidavam os outros para tomarem um refrigerante, uma cerveja, um vinho, mas, chá.

Já afirmei em outro lugar que os bonecos/as e toda a publicidade que gira em torno destes precisam ser cada vez mais tomados como um bloco tático de uma estratégia mais ampla de produção de *verdades* sobre o *ser criança*, o *ser velho* como no caso deste trabalho. Como as crianças pensam sobre o ser idoso hoje, sobre o mundo dos adultos que a cercam. Essa estratégia comporta outros blocos táticos em sua luta para tornar hegemônica a forma de subjetividade assim produzida (Dornelles, 2007). O corpo representado em cada boneco ou boneca é também o meio através do qual se age sobre o mundo. Neste incidem determinadas práticas discursivas, e essas práticas produzem um corpo envelhecido, marcado pela história. A história para Foucault é constituída como um *a priori* que “[...] tem que dar conta do fato de que o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reduz às leis de um devir estranho” (Dornelles, 2007, p. 27).

Aprendendo sobre Envelhecimento na Pesquisa com Criança

Observei o como é possível fundamentar outro modo de pesquisar com crianças, mostrando como um certo modo de questionar, de averiguar, de investigar, de formular perguntas, de manter olhos e ouvidos atentos possibilitou formular questões que me permitissem construir um problema de pesquisa sobre como as crianças entendem o envelhecimento. O que é para elas ficar, ser velho. O que elas acham ser possível fazer quando se envelhece. Quais os impedimentos que os velhos enfrentam em seu cotidiano. O que é bacana se fazer quando se é velho. Entendo que olhar para as brincadeiras das crianças e como estas articulavam as mesmas tornou possível a compreensão acerca de seu entendimento sobre o ser velho. A partir daí se passou a articular as ferramentas teóricas entre a teorização pós-crítica, a sociologia da infância, a pesquisa com crianças e o que se investiga sobre o envelhecimento.

Tratar deste tema com as crianças foi para mim um modo de investigação que não tinha um caminho certo, contínuo linear e seguro para ser percorrido, pois para muitos as crianças nada têm a dizer sobre o que é envelhecer, tendo em vista sua curta existência. Portanto, percorrer esse caminho de pesquisa se fundava em sua descontinuidade pela necessidade de me deixar desenhar, compor um conjunto de procedimentos de coleta de dados, de informações passíveis de articulação entre descrição e análise (Meyer; Paraíso, 2012).

Entendia que precisava me valer de uma perspectiva teórico-metodológica capaz de fazer emergir a descrição e as análises sobre como as crianças pensam, falam, dizem e manifestam, singularizam-se, tornam-se potência de criação de outros valores sobre o envelhecimento. Crianças que poderiam me auxiliar a inventar novos modos de descrição e análise daquilo que gostaria de marcar como uma metodologia de pesquisa etnográfica pós-crítica de pesquisa com criança que pretende “[...] perceber o ter voz -das crianças como um avanço sobre ser silenciado ou ignorado” (Prout apud Müller, 2010, p. 36), até aqui tão presente em nossos questionamentos sobre como funcionam as crianças e o que elas têm a nos ensinar sobre ser e ter um corpo envelhecido.

Para tentar dar conta de minhas indagações com as crianças, tomei de empréstimo alguns pressupostos teóricos da Sociologia da Infância e tentei entrelaçá-la com a etnografia pós-crítica (Meyer; Paraíso, 2012) e também da pesquisa com crianças, partindo do princípio de que essas teorizações me trariam subsídios capazes de fundamentar as questões metodológicas da pesquisa com crianças ou daquilo que cunho como uma metodologia que pressupõem uma etnografia pós-crítica de pesquisa com crianças. Não que essa seja a saída, o caminho certo das investigações que tratam de fazer emergir a voz das crianças, mas porque, como afirma Gottschalk (1998 apud Meyer; Paraíso, 2012), elas são “[...] mais modestas quanto às reivindicações de possuírem a verdade e a autoridade, mais criticamente autorreflexiva com respeito à subjetividade e mais autoconsciência das estratégias linguísticas e narrativas” (Meyer; Paraíso, 2012, p. 65). A pesquisa que toma essa perspectiva metodológica como fundante, possibilita que a criança deixe de ser pensada como previamente ao discurso, mas passe a ser o efeito das práticas discursivas que as rodeiam. Peço auxílio a Ramos (2009), quando afirma que, “[...] por meio de seus relatos, as crianças permitem-nos conhecer não apenas os mundos da infância, mas aquilo que envolve toda a sociedade globalmente considerada, mostrando-nos, neste caso, como o idoso é constituído por diferentes discursos em circulação” (Ramos, 2009, p. 256).

Fico atenta para o como as crianças colocam, no bojo de suas brincadeiras com bonecos-velhos, os personagens em cena, diferente daquilo que vinha observando em suas brincadeiras com bonecos. Elas logo passaram a nominá-los como senhor e senhora: *o senhor já está pronto*

para o nosso chá? Há muitos e muitos anos um senhor e uma senhora tiveram um neto... (B. 7 anos ao brincar com um casal de bonecos)².

Figura 1 – Casal de Idosos



Fonte: arquivo pessoal.

Ramos (2011) explica que “[...] no contato intergeracional, as nomeações atribuídas pelos mais velhos também revelam o teor das relações” (Ramos, 2011, p. 168), contudo, o que aparecia nessas brincadeiras não eram relações de chamamento autoritário, mas de trocas respeitadas com o outro.

O fato de nominar os bonecos de senhor e senhora logo me chama a atenção por mostrar como as crianças, a partir das interações com o seu meio se apropriam de uma linguagem própria para determinar de que lugar se fala, com quem se fala, o quanto somos sujeitos constituídos e constituidores de linguagens. Daí estar atenta as múltiplas linguagens e sentidos que as crianças dão às coisas do mundo e o significado aos quais elas construía seu mundo. O quanto às crianças colocam em cada lugar o seu modo de entender o mundo, como quando (B. 7 anos) brincava com bonecos com corpos-velhos estes precisavam tomar chá e terem uma conversa como senhores e senhoras que eram.

Para Ramos (2011), “[...] em se tratando dos avós idosos, a afetividade parece soar mais alto” (Ramos, 2011, p. 144). Pude observar, nessas atividades com os bonecos-velhos, o quanto as crianças pesquisadas nutriam uma amorosidade com seus avós, ao invés de só terem por eles sentimentos negativos, explicando que, sendo mais velha, *a pessoa tem mais histórias do passado, ela tem mais coisas de vida, ela já viveu mais e isso é muito legal. Ela tem mais histórias para contar pros netos* (F. 7 anos). Dolto (apud Ramos, 2011) vai nos ajudar a pensar acerca dessa produção de afetos entre crianças e velhos quando ensina que “[...] há uma vida biológica, da pequena idade à idade adulta e à velhice, mas há também a vida do coração, e a vida espiritual, que é outra coisa” (Ramos, 2011, p. 145). E, em suas conversas, as crianças nos mostravam o quanto era significativo esse estar junto com os seus avós.

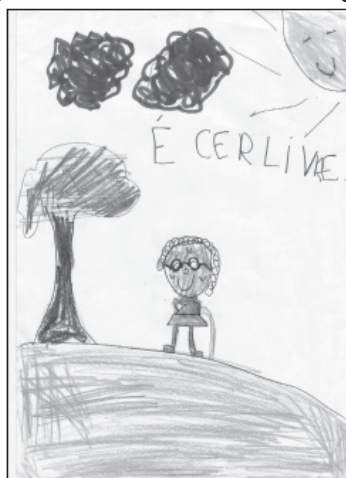
Aprendendo a Envelhecer: o uso de boneco-velho na pesquisa com crianças

Por estar atuando com crianças desde o ano 1972, por muito tempo foi para mim impensável olhar para a velhice, contudo aprendi com Ramos (2013) que,

[...] segundo o Estatuto do Idoso de 2003, o idoso é pessoa com idade igual ou superior a sessenta anos. A velhice é uma fase esperada na vida das pessoas, mas, o envelhecimento não começa com sessenta anos, na verdade, estamos envelhecendo desde o momento em que nascemos, quando vivemos em um processo de mudanças fisiológicas que vão acontecendo com o passar do tempo (Ramos, 2013, p. 3).

É interessante perceber como as crianças pensam sobre o envelhecimento, quando mostram nas brincadeiras com bonecos que ser mais velho é ser idoso, usar outras roupas, usar óculos e às vezes até bengala (B.)³.

Figura 2 – Avô de Óculos e Bengala



Fonte: arquivo de pesquisa (desenho de B.).

Assim não passa despercebido também para as crianças aquilo de que nos fala a autora e que também é observado por elas, ou seja, essas mudanças não estão só na aparência das pessoas como *cabelos brancos, bigode branco, nos cabelos que começam a cair* (F. 7 anos).

Mas, também, a velhice é marcada nas roupas e adereços que usam como suporte para terem melhores condições de vida (bengala e óculos, as próteses dentárias, pintura no cabelo, etc.), artefatos que muitas vezes colaboram para que esses corpos se tornem mais belos. São acessórios que completam ou complementam corpos e deixam

mais visíveis as marcas de um corpo que envelhece. Lembro-me de Abreu (2008), quando, ao discutir a entrada de bonecos *anormais, diferentes* como cadeirantes, velhos, de óculos, sem a perna, em uma sala de aula com as crianças, a partir de Haraway (2000), vai falar sobre o quanto somos *ciborgues*, o quanto os sujeitos ansiosamente buscam completar e embelezar, ou tornar jovem seus corpos. Para o autor, o *ciborgue* aparece como uma tentativa de chegar à beleza, ao corpo ideal, normal, e por isso, belo. “Na busca – constante de encontrar outros padrões de beleza, voltados para as medidas perfeitas, corpo sarado e magro, qual – quer recurso usado torna o sujeito um ciborgue” (Abreu, 2008, p. 27). O quanto o muito idoso procura compensar aquilo que falta em seu corpo, o que necessita seu corpo para chegar mais perto de um corpo-perfeito e jovem. Isso não deixa de ser observado pelas crianças ao falarem de seus avós: *ele não enxerga direito então comprou um óculos bem bonito* (G. 6 anos). *Minha avó acha que tava ficando muito cheia de rugas, então fez um botox, eu também vou fazer quando chegar a ficar com rugas* (A. 6 anos). Ao brincar com os bonecos, as crianças também achavam saídas para as imperfeições e no boneco sem a perna procuravam colocar uma prótese; ao cadeirante resolviam através da cirurgia para que voltassem a andar; num outro momento o uso de acessórios e roupas os faziam juvenescer, um juvenescimento marcado por meio de cirurgia plástica. As crianças mostravam que alguns corpos deveriam ser complementados, corpo quem sabe para as crianças, incompleto.

Para Haraway:

A era do ciborgue é aqui e agora, onde quer que haja um carro, um telefone ou um gravador de vídeo. Ser um ciborgue não tem a ver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou quantas próteses nosso corpo contém. Tem a ver com o fato de Donna Haraway ir à academia de ginástica, observar uma prateleira de alimentos energéticos para *bodybuilding*, olhar as máquinas para malhação e dar-se conta de que ela está em um lugar que não existiria sem a ideia do corpo como uma máquina de alta performance (Haraway, 2000, p. 25-26).

De algum modo, as crianças já anunciam sobre esse corpo-máquina-ciborgue-velho, como uma idade ou um tempo de vida também é reconhecido por elas, pois, *meus avós são velhinhos porque eles têm cabelos brancos, usam óculos e sei lá, fazem coisas que geralmente são os velhos que fazem* (A. 6 anos).

O que nos remete a Ramos (2009), quando explica que, de algum modo, somos sempre interpelados a pertencer e nos portar de determinado modo, temos comportamentos, manifestarmos sentimentos, fazer o que é próprio de uma determinada idade e isso é observado pelas crianças, pois ter um jeito de ser velho está socialmente imbricado na vida dos sujeitos e não passa despercebido por elas.

São marcas identitárias de um tempo de vida que foi construída ao longo de um tempo percorrido e que se exhibe através das suas marcas corporais, pois, se ter um corpo mais velho para as crianças, é também *ter o corpo meio fora de forma, alguns ficam mais gordinhos, tem rugas que mostram que se tá mais velho que os outros* (B. 7 anos). E, quando uma das crianças olhava com cuidado para o corpo dos bonecos-velhos afirmava: *ruga são peles curtas, a pele é mais caída, mais mole, tipo fofinha* (G. 6 anos). De algum modo, reafirmam o que Goellner (2012) ensina: “o corpo resulta de uma construção cultural sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, geracionais [...] (Goellner, 2012, p. 106). E para esse grupo de crianças pesquisadas, existem marcas geracionais que tratam de cor, pele, elasticidade, flacidez próprios de uma idade. As crianças, ao agirem sobre os bonecos, nos mostram através dos seus ditos, o quanto nosso corpo não é fixo, estático, mas sim o que ele apresenta de mutável, provisório, sendo capaz de se adaptar, constantemente, às intervenções presentes em cada cultura, às suas leis, representações e também por meio dos discursos que sobre eles são produzidos. Ao olhar para o corpo dos bonecos, a criança se da conta de que *esse é rechonchudo, esse de cabelos brancos e bigode. Essa de óculos e bem magrinha, acho que ser velho é ser legal* (F. 7 anos).

Figura 3 – Avó da Barbie



Fonte: acervo pessoal.

Entendia que o corpo de tal boneco pode representar para as meninas e os meninos os marcadores sociais envolvidos na construção de diferenças culturais que ocupam, por pertencerem a um espaço social, e ser definido por sua posição nele. Segundo Foucault, esse espaço estabelece quem fala, qual o *status* de quem fala e de onde provém o discurso de quem fala (Dornelles, 2005).

Ao referir-se à boneca *avó da Barbie*, uma das crianças mostrava que ela era diferente, era magra, mas usava bolsa e sapatos que combinavam, sua roupa permitia até que se visse o seu corpo (blusa top).

Essa de óculos e bem magrinha, acho que ser velha é ser legal (A. 6 anos). Como tratei em outro lugar, os bonecos representados pelo casal de avós da Barbie não fogem da estética do seu tempo, daquilo que é apresentado no corpo de sua neta. Sua avó é magra, elegante, alta, cabelos com luzes e a estética apresentada em seus acessórios combina. Poucas são as marcas de envelhecimento de seu corpo e podem ser observadas mais fortemente em seu rosto. Isso nos lembra Foucault, quando afirma que “[...] o corpo é tudo o que a ele se refere: a alimentação, o clima, o solo – é o lugar da *Herkunft* – proveniência: no corpo se encontra o estigma dos acontecimentos” (Foucault, 2000, p. 267).

Os brinquedos, através dos bonecos, vêm apresentando às crianças os acontecimentos de seu tempo. O corpo que “[...] de modo cada vez mais vasculhado e detalhado, permite um tipo de ação para cada parte, na busca da transformação e perfeição” (Dornelles, 2002, p. 115).

Contudo, uma das meninas pesquisadas não via como imperfeição o corpo dos bonecos-velhos, mas que cada velho tinha um corpo diferente e uns eram até *mais rechonchudinhos*, tratando-os de forma carinhosa naquilo que para outras crianças poderia ser um defeito.

Para as crianças ser velho é ter um corpo marcado por inscrições onde *alguns usam bengalas, mas só alguns, pra se apoiar, poder ficar parados onde estão, e ajudar a se segurar, sem cair no chão né* (B. 7 anos), ou seja, as crianças também se dão conta de que o envelhecimento “[...] é um processo natural e contínuo, que se inicia desde que nascemos e deste resultam diferenças entre um indivíduo idoso, um adulto ou uma criança, no idoso ocorrem algumas alterações fisiológicas que estarão diretamente ligadas com seu bem estar e sua independência” (Ramos, 2013, p. 4), como vemos no Boneco-velho abaixo.

Figura 4 – Boneco-velho

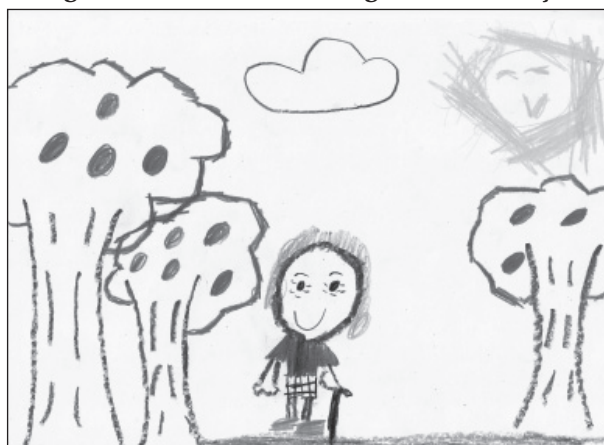


Fonte: acervo pessoal.

E, como afirma uma das crianças, essa possibilidade de ter mais autonomia se atinge quando se faz uso da bengala ou dos óculos, que colaboram para abrandar patologias próprias do ser velho. Sabe-se que, com o envelhecimento, muitos idosos têm seu tônus muscular enfraquecido. Para muitos as suas articulações se tornam mais enrijecidas e as crianças se dão conta de que seus avós se tornam mais lentos, às vezes têm dificuldades para andar, manter o equilíbrio, daí o uso da bengala.

Esse é o meu avô, às vezes quando vai caminhar na redenção usa bengala, ele é marrom e não sei quando ficou velho (B. 7 anos), ao observar que o seu avô havia parado de pintar o cabelo e de repente ficou velho.

Figura 5 – Meu Avô de Bengala na Redenção



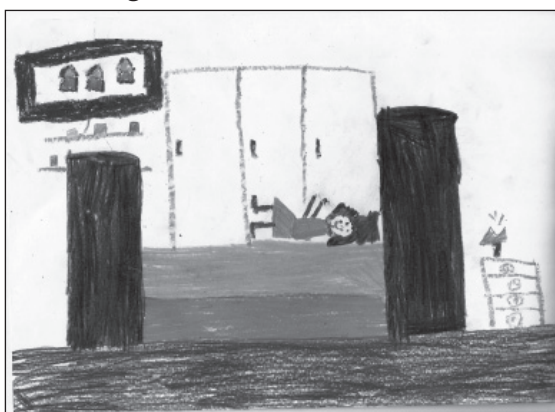
Fonte: arquivo de pesquisa (desenho de B.).

As falas trazidas pelas crianças nas brincadeiras com bonecos-velhos nos permitem inferir que a convivência com os avós e suas vicissitudes permite que a criança pense sobre o que é ser velho, ter um corpo-velho, sobre o que é viver um processo de envelhecimento. Ou seja, estas se dão conta do processo vital de nascer, crescer e morrer, bem como que as pessoas, ao longo dos tempos, vão se tornando mais frágeis. As crianças nos mostravam que o corpo é o meio pelo qual nos tornamos visíveis e é por ele que os outros nos reconhecem, então é por ele que, para os outros, somos o que somos. Há, portanto, uma estreita relação entre poder e corpo (Dornelles, 2002). Como explica Ramos:

Assim, a vida do idoso – e de cada um de nós – está diretamente relacionada aos investimentos que são feitos sobre ele, investimentos que contam a história de uma época, que falam das mudanças, das belezas e dos sonhos de uma cultura (Ramos, 2006, p. 241).

É interessante observar como se atravessam as vivências das crianças com os idosos e como, mesmo que não se fale em casa sobre as vicissitudes do envelhecimento, as crianças da pesquisa discutiam que alguns velhos estão tão velhinhos, tão fraquinhos e tão magrinhos que nem saem mais da cama. *Mas minha mãe não fala muito sobre a minha avó, ela até chora* (B. 7 anos).

Figura 6 – Minha Avó de Cama



Fonte: arquivo de pesquisa (desenho de B.).

Ainda aprendo com Ramos (2006), quando sobre isso afirma que: “Devido à fragilidade da saúde, as crianças observam que os idosos precisam de algumas particularidades com o advento da velhice” (Ramos, 2006, p.128). Uma das meninas afirmava que sua avó só ficava na cama, precisava de seus remédios, mas todo mundo cuidava dela.

Ser Velho é Legal, se Tem uma Aposentadoria, se Encontra os Amigos

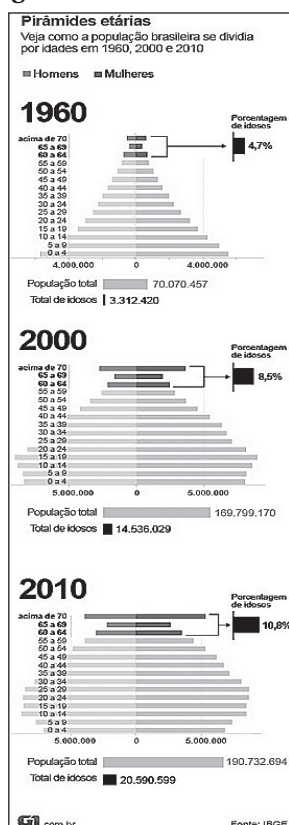
Este dito de uma das crianças (G. 7 anos) nos leva a pensar que estas também estão atentas aos acontecimentos que cercam o envelhecer. Para G. *se fica velho, mas se tem uma aposentadoria, ser velho é ser livre, não se precisa trabalhar*. Para esta, na velhice podem fazer algumas coisas que antes havia impedimento em função do trabalho, restando um tempo para *visitar os amigos*.

Segundo dados do IBGE⁴, a população brasileira está vivendo cada vez mais, a expectativa de vida aumentou de 67 anos para 72,5 anos entre 1991 e 2007, e deve chegar a 74,8 anos em 2015. Esses dados, segundo os pesquisadores do IPEA, estão mudando a cara do Brasil que, em poucas décadas, deixará de ser um país jovem, para se tornar um país de idosos. Isso implica um grande desafio que é criar políticas de atendimento para essa geração de idosos, tendo em vista que haverá um grande número de pessoas recebendo benefícios das demandas de

serviços especializados, e da redução da quantidade de trabalhadores ativos no País.

Contudo, isso exige uma reforma muito rápida que dê conta da população idosa que emerge na sociedade brasileira, como vemos na pirâmide que mostra a divisão da população por idades em 1960, 2000 e 2010.

Figura 7 – Pirâmide Etária



Fonte: IBGE, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/04/em-50-anos-percentual-de-idosos-mais-que-dobra-no-brasil.html>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

Por outro lado, observa-se que os dados desta pirâmide não passam despercebidos pelas crianças e que há muitos idosos em suas convivências, *meus amigos, muitos têm avós, outros já morreram, a minha bisa morreu (B. 7 anos)*. Ou seja, as crianças se dão conta da longevidade quando falam na convivência com seus bisavós, falam da positividade de ser velho, *vivem bastante e podem contar pra gente muitas coisas (A. 6 anos)*. Olhando com outras lentes, observa-se que a longevidade se dá pelas melhorias em saúde, saneamento básico e, de algum modo, pela opção de uma vida mais saudável.

Segundo Ramos (2013), para um grupo de sessenta idosos pesquisados, ser velho é legal quando “[...] se tem uma boa relação com a sociedade em que se vive, viver bem com família, amigos e ser uma pessoa saudável” (Ramos, 2013, p. 15). Uma das meninas nos mostra, por outro lado, que *o legal de ser velho é poder sair para encontrar os amigos, contar histórias aos netos, ter uma aposentadoria, um tempo só para ele, isso é legal* (T. 7 anos). Isso nos faz inferir o quanto as crianças observam e estão atentas ao que acontece ao seu redor, quando apontam as possibilidades prazerosas de viver a velhice ao se ter tempo para *encontrar os amigos*, ou melhor, ela se dá conta de que a vida dos mais jovens está atribulada, tem uma corrida diária para dar conta do cotidiano, não sobrando tempo para *Outrar-se*, ou seja, de viver de outro modo a velhice com o outro. Uma das crianças afirmava que o legal de ser velho é que se tem uma aposentadoria e “[...] aí pode arrumar um tempo para o outro, não precisa mais trabalhar tanto e se pode encontrar amigos, passear, curtir mais a vida” (B. 7 anos). Como ensina Silva (2011):

Um tempo cotidiano, [...] espartilhado por temporalidades multiformes quase estanques, que em cada dia se renovam por entre rotinas que se ritualizam e vão dando alguma ordem a nossas existências, qual palimpsesto do nosso cotidiano reescrito a cada momento que passa do ciclo vital que marca o tempo existencial de cada um de nós (Silva, 2011, p. 218).

A menina confirma o que aponta Ramos (2013) em sua pesquisa: “O idoso geralmente tem mais tempo livre do que quando era jovem. O como ele ocupa esse tempo, entendo eu, é essencial para o seu bem-estar e para que ele encontre seu lugar na sociedade” (Ramos, 2013, p. 6). O tempo de aposentadoria marcado na fala das crianças, mostra-nos que essas percebem o tempo disponível que os avós passam a ter para exercer outras atividades que outrora lhes eram impossíveis, frente às necessidades que o trabalho tanto lhes impunha.

O Avô Contador de Histórias

Ouvir histórias de avós fica como marca produzida em uma infância na maioria das crianças investigadas. Costa (2008), ao construir sua tese sobre as pedagogias intergeracionais numa família trabalhadora, trata da relação de uma neta com seu avô. Conta que a história de seu doutoramento começou assim: *Professor, tu tens que conhecer meu avô!* A aluna de Costa tem em seu avô um grande contador de histórias e vai tecendo em seu trabalho as redes que se emaranham na magia dessa relação intergeracional, significativa entre avós e netos. Relação esta que pode ser intensa, visto que muitos avós estão ali, junto, no convívio diário com as crianças, outros não tão diários, mas sempre intenso.

Muitas das crianças em suas conversas com os brinquedos nos mostram o quanto ansiavam pelo dia de encontrar seus avós, contavam

o que faziam em suas casas⁵ por essa convivência do avô-adulto. Costa (2008), Ramos (2011) nos ensinam o quanto as crianças gostam de histórias contadas pelos seus avós. Costa trata de quando o avô gostava de sentar junto aos netos e lhes contar histórias, histórias-cafunés de suas criancices. Observa-se com esses estudos que os velhos podem ser grandes contadores de histórias. Essa era uma marca da família estudada por Costa, em que o avô era fazedor de coisas de crianças, era contador de histórias que passavam pelas lendas do sul, histórias bíblicas, histórias de assombração nas tardes de sábado ou nas noites de domingo.

Histórias que não estão nos livros, histórias vividas por ele [o avô], às vezes confirmadas pelos demais adultos, às vezes rejeitadas como fantasias da senilidade. Esse mundo de mistério com sabor de verdade, mundo de aventura, contada pelo próprio aventureiro, atrai a crianças e participa de sua formação (Costa 2008, p. 10).

O que nos mostra Bosi (2003 apud Ramos, 2011), quando aponta o quanto ao lembrar através das histórias o velho constrói possibilidades de reviver, refazer caminhos percorridos, vidas vividas, trazendo para o hoje as experiências do passado. Ou seja, os autores nos apresentam o significado desse ato nas relações intergeracionais, talvez por isso, em suas brincadeiras, as crianças afirmassem *gosto das histórias de meu avô, de quando ele era guri, do que brincava com seus amigos. Era diferente do jeito que a gente brinca* (A. 6 anos).

Em volta da mesa de jantar, as histórias rolavam (Costa, 2008), histórias que se repetiam na memória do quarto de dormir, onde brotavam encontros horríveis de insetos, monstros e duendes que saltavam da memória para encantar. No nosso quarto de dormir, ao ouvir histórias entre avós e netos, fizemos muitas viagens áridas através de Fontanelle, Lobato, Aristófanes, Rebelais, Cervante, Julio Verne, na lembrança da voz do avô, voltavam “[...] suas frases que faziam assistir a maneira das coisas, cumprindo a nós observá-las, rodeá-las e até fingir que nos afastávamos e retomávamos subitamente para surpreendê-las desprevenidas daquilo que guardavam de seus segredos” (Dornelles, 2011, p. 117).

São memórias que atravessam as pedagogias geracionais, e talvez a educação de crianças e velhos tenham a ver:

[...] com o talvez de uma vida que nunca poderemos possuir, com o talvez de um tempo no qual nunca poderemos permanecer, com o talvez de uma palavra que não compreenderemos, com o talvez de um pensamento que nunca poderemos pensar, com o talvez de um homem que não será um de nós. Mas que, ao mesmo tempo, para que a sua possibilidade surja, talvez, do interior do impossível, precisam de nossa vida, de nosso tempo, de nossas palavras, de nossos pensamentos, de nossa humanidade (Larrosa, 2001, p. 289).

Talvez também seja importante que pais e professores possam desconstruir, reinventar, pluralizar, apresentar diferentes repertórios de bonecos e bonecas a serem utilizados nas atividades de brincar das crianças, como no caso aqui apresentado com bonecos-corpo-de-velho, a fim de se colocar em questão os tipos de corpos e o que eles incitam crianças e adultos a pensarem sobre os modos de ser velho hoje.

Sem Concluir Posso Afirmar que...

Pesquisar sobre esse tema com as crianças mostrou a possibilidade de trazemos à baila para a rede discursiva deste trabalho a analogia, a dialogicidade, a conversa que funciona como uma experiência no sentido que lhe dá Larrosa (2001),

[...] aquela que carrega sempre uma dimensão da incerteza, que não pode ser reduzida – que – não se pode antecipar o resultado, [pois] a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’ (Larrosa, 2001, p. 28).

Nesse desafio que foi tratar de crianças e velhos, não me furtei a seguir na pesquisa o ímpeto foucaultiano de vontade de saber, de ir adiante, procurar a todo o momento examinar as mudanças que ocorrem nas práticas escolares das crianças como nas relações entre a educação escolarizada, a educação sobre crianças e velhos que se discute no mundo contemporâneo (Dornelles; Fernandes, 2012). Sem esquecer que a pesquisa é inerentemente imprevisível.

Em meio a crianças, avós, netos, bonecos e bonecas, foi possível que as crianças, ao tratarem sobre o envelhecimento, aprendessem sobre si e o outro, nas atividades com os bonecos-velhos, nas brincadeiras permeadas pela alegria da descoberta. E “[...] a Alegria como diz Spinoza, é sempre boa, é vida que resiste a forças, esta Alegria é combate, e as crianças podem ser a força a mais das forças sobre infâncias e envelhecimentos. Alegria de uma aprendizagem que nunca cessa, nunca termina” (Dornelles, 2011, p. 118). Aceitei o desafio de dizer das raízes *crianceiras* que falam de corpos-velhos e andar pela linha feiticeira que tratava de tantos ditos e escritos, controvérsias e contradições que me pareceu não ser um privilégio quando estudo o que dizem as crianças sobre o seu brincar, mas que se impõe, quando estas falam, quando a brincar com corpos-velhos ou sobre o envelhecimento.

Recebido em 18 de março de 2014
Aprovado em 16 de julho de 2014

Notas

- 1 Faço uso neste trabalho de momentos de atividades com dez crianças de 6 e 7 anos, fazendo uso de bonecos em uma escola pública central de Porto Alegre, bem como de entrevistas narrativas em momentos de brincadeiras livres com *boneco corpo de velho*.
- 2 Fonte de imagens: todas as imagens de bonecos contidas no texto, são de arquivo pessoal.
- 3 Faço uso neste texto de termos como *corpo boneco de velho*, *boneco-velho*, *corpo velho*, para referendar os bonecos que representam corpos de idosos. Tais materialidades são utilizadas na pesquisa como artefato que compõe as culturas infantis. Tomo emprestado a análise de Ramos (2013), quando explica que “A população idosa brasileira está aumentando significativamente nos últimos anos. Matsudo (2001) afirma que em 2020 a população de pessoas acima de 65 anos aumentará 85%. Levando-nos a dar mais importância na busca de uma melhor Qualidade de Vida na Terceira Idade. Na atualidade alguns verbetes são utilizados para designar a idade avançada, incluindo, ‘velho’, ‘idoso’, ‘terceira idade’, ‘melhor idade’ ou ‘idade madura’. Essas marcas, ou signos, conferem certa identidade às pessoas nessa fase, havendo, então, a construção social da velhice. O termo ‘velho’ serviria para indicar doença, solidão, inatividade; idoso é utilizado em documentos jurídicos para efeitos de leis e direitos, e a denominação ‘terceira idade’ é atribuída à saúde e bem-estar” (Borini; Cintra, 2002 apud Ramos, 2013, p. 4).
- 4 Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/04/em-50-anos-percentual-de-idosos-mais-que-dobra-no-brasil.html>>. Acesso em: 30 jul. 2014.
- 5 Ler Ramos, 2011. Capítulo: “A casa dos avós”, em que apresenta os registros das crianças nas casas de seus avós.

Referências

- ABREU, Tiago. **Representações de Corpo na Educação Infantil**: a beleza na era ciborguiana. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação Infantil - Articulações com o Ensino Fundamental, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas**: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.
- BORINI, Maria Lucia Olivetti; CINTRA, Fernanda Aparecida. Representações Sociais de Grupos de Atividade de Lazer em Grupos de Terceira Idade. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 55, n. 5, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança dos velhos. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.
- COSTA, Humberto Rocha. **Pedagogia Intergeracional numa Família Trabalhadora Negra no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- DOLL, Johannes; KARL, Fred. Demência e Pedagogia Social. **Estudo Interdisciplinar e Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 10, p. 45-56, 2006.
- DOLTO, Françoise. **Os Caminhos da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DORNELLES, Leni Vieira; FERNANDES, Natalia. As Marcas da Dialogicidade nos Estudos da Criança Luso-Brasileiras – Notas Introdutórias In: **Perspetivas**

Sociológicas e Educacionais em Estudos da Criança: as marcas das dialogicidades luso-brasileiras. Centro de Investigação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2012. P. 1-7.

DORNELLES, Leni Vieira; RAMOS, Anne Carolina. Entre Clics, E-mails, Skype y Webcam: constituyendo nuevos modos de aproximaciones entre abuelos y nietos. In: III CONGRESO INTERNACIONAL DE ETNOGRAFÍA Y EDUCACIÓN, 2013. **Anais...** Madrid, 2013.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos Escapam:** da criança na rua à criança cyber. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos Escapam:** da criança na rua à criança cyber. Petrópolis: Vozes, 2007.

DORNELLES, Leni Vieira. **Meninas no Papel.** 2002. 175 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

DORNELLES, Leni Vieira. O Quarto de Dormir: entre histórias e escrituras. In: BUSSOLETI, Denise Marcos; MEIRA, Mirela Ribeiro; PASTOR, Begonã Garcia (Org.). **Infâncias:** ética, estética e criação. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2011. V. 1. P. 114-128.

DORNELLES, Leni Vieira. Spielzeug als eine Strategie zur Produktion kindlicher Körper. In: FOOKEN, Insa; LOHMANN, Robin (Org.). **Puppe – Boneca – Doll.** Spielzeug, Frühpädagogik und gesellschaftliche Diskurse in Brasilien. Berlin: LIT VERLAG. 2013. P. 25-57.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento.** Rio de Janeiro: Forense, 2000.

GOELLNER, Silvana. Corpo, Gênero e Sexualidade: reflexões necessárias para pensar a educação da infância. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidade, Gênero e Diferença na Educação das Infâncias.** Campo Grande: Ed. UFMS, 2012. P.103.

GOTTSCHALK, Simon. Postmodern Sensibilities and Ethnographic Possibilities. In: MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy. **Metodologia de Pesquisas Pós-críticas em Educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. P. 15.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Antropologia do Ciborgue – as Vertigens do Pós-Humano.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. P. 37-129.

IBGE. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/04/em-50-anos-percentual-de-idosos-mais-que-dobra-no-brasil.html>>. Acesso em: 15 de jul. de 2014.

LARROSA, Jorge. Dar a Palavra. Notas para uma dialógica da transmissão, In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Org.). **Habitantes de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 281.

MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy. **Metodologia de Pesquisas Pós-Críticas em Educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PROUT, Alan. Participação, Políticas e as Condições da Infância. In: MÜLLER, Fernanda (Org.). **Infâncias em Perspectiva:** políticas, pesquisas e instituições. São Paulo: Cortez, 2010. P. 21.

RAMOS, Anne Carolina. **Cultura Infantil e Envelhecimento:** o que as crianças têm a dizer sobre a velhice? 2006. 268 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

RAMOS, Anne Carolina. O Corpo Bagulho: ser velho na perspectiva das crianças. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 34, n. 2, p. 239-260, 2009.

RAMOS, Anne Caroline. **Meus Avós e Eu**: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças. 2011. 461 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011.

RAMOS, Luciana Dornelles. **Qualidade de Vida em Idosos Praticantes de Atividade Física**. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Atividade. Física Adaptada e Saúde. Porto Alegre: Universidade Gama Filho, 2013.

SILVA, Alberto Nídio. **Jogos, Brinquedos e Brincadeiras**: trajetórias intergeracionais. Vila Verde: Atahca, 2011.

Leni Vieira Dornelles é professora associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-doutora em Estudos da Criança pela Universidade do Minho em Portugal. Professora do PPGEDU/UFRGS da Linha de Pesquisa Estudos sobre Infâncias.

E-mail: lvdornelles@yahoo.com.br